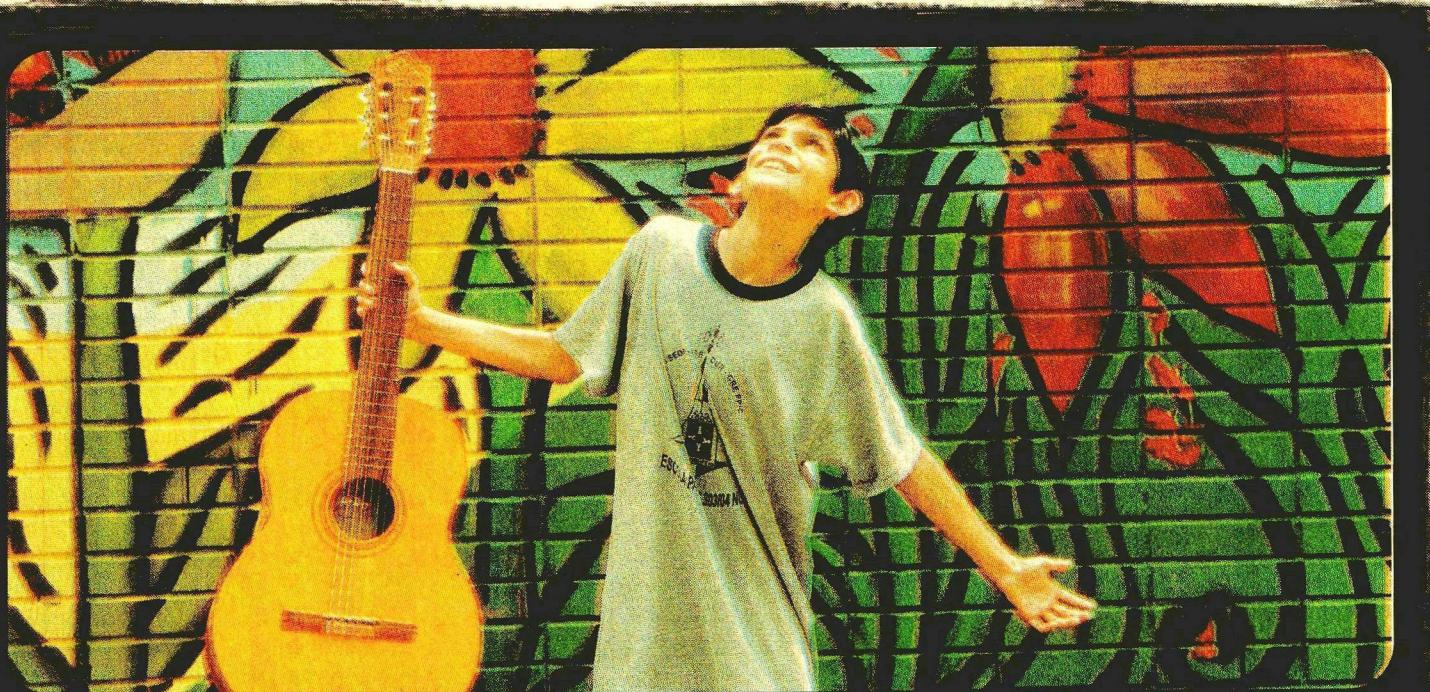


ELE VAI TROCAR O VIOLÃO PELA GUITARRA



ALUNO DA ESCOLA CLASSE 104 NORTE, LUCAS NÃO VÊ A HORA DE MONTAR A SUA BANDA DE ROCK: "O VIOLÃO É SÓ O PRIMEIRO PASSO"

LUCAS Estréia Cunha Parreira não larga o violão de mão. Educado, porém, é dado a fazer favores. Como, por exemplo, pegar o controle remoto da garagem subterrânea para o esquecido porteiro pernambucano Alcides, que queria fazer uma "vistoria de rotina" no local.

O garoto quer ter a própria banda de **ROCK**. Por isso está tomando aulas de violão. Impaciente, não vê a hora de tocar guitarra. "Violão é só o primeiro passo", avisa. Ele tem 11 anos e é ligado em música barulhenta: ouve do *pop punk* do Blink-182 ao *hard rock* do Kiss.

As aulas de violão começaram há três meses. É pouco tempo, mas Lucas já aprendeu a afinar o instrumento e a soar um impecável *Parabéns pra Você*.

Ele faz a 5ª série na Escola Classe 104 Norte. O colégio é tão perto de casa que dá para ir a pé. A maioria das crianças do bloco de Lucas também estuda por lá.

Depois da aula, os garotos se dividem em pequenos grupos na praça da escola: pagodeiros de um lado e skatistas do outro. As meninas da turma passeiam entre os dois grupos, enquanto Lucas observa tudo a distância.

Ele nasceu em Goiânia e veio morar em Brasília há três anos. "Minha mãe viajava muito para cá a trabalho. Aí meu pai conseguiu uma transferência, e a gente se mudou", explica.

O garoto gosta de Brasília, mas não esconde de ninguém: preferia morar em Goiânia. "A maior parte da família ficou por lá. Sinto um pouco de saudade dos meus tios", conta.

Além de tocar violão e ir à escola, Lucas aproveita o tempo para desenhar e andar de bicicleta. Também arrisca umas piruetas no skate. Ganhou dois deles no último aniversário: um do pai e outro do avô.

As aulas de música fazem parte do currículo escolar: é uma das opções da disciplina de artes.

Duas vezes por semana, Lucas caminha até a **ESCOLA PARQUE** 303/304 Norte onde encontra a professora de violão.

O currículo escolar também prevê aulas de educação física. Em vez de futebol, vôlei ou basquete, o garoto decidiu investir em um esporte não muito popular: o tênis de mesa.

As primeiras raquetadas começam às sete e meia da manhã. Em frente à mesa verde, Lucas empunha a raquete com segurança e observa quando o professor Sérgio ensina como se deve bater numa bolinha de pingue-pongue.

ESCOLA PARQUE. Lucas tem uma vidinha bem parecida com a que o urbanista Lúcio Costa pensou para os estudantes de Brasília. À tarde, o menino estuda em escola pública. Nem por isso dorme até a hora do almoço. Lucas acorda cedo e passa a manhã toda na Escola Parque. Passa horas envolvido com música, artes plásticas, teatro, literatura e vários esportes. As escolas-parque foram criadas para complementar com atividades sócio-culturais o conteúdo didático das escolas classe de currículo tradicional. Existem cinco escolas desse tipo no Plano Piloto. Juntas, elas somam 244 professores e 11.198 alunos. Nas escolas-classe, de onde são encaminhados os jovens estudantes para as escolas-parque, existem hoje 152.267 alunos. Uma pequena parcela deles, ou seja, 15.830 são do Plano Piloto, onde mora Lucas.

ROCK. Apesar da febre axé que contaminou os anos 90 — e da qual Lucas passou impune —, a cultura roqueira resistiu em Brasília, cidade que se auto-intitulou Capital do Rock. Ainda nos anos 60, o gênero despontava por aqui, ocupando as tardes livres dos filhos de funcionários públicos migrados para cá. São dessa época formações garageiras como Os Primitivos e Infernais. À medida que a década de 70 ia passando e os cabelos crescendo, o rock progressivo também chegava ao Planalto, com bandas como Tellah e O Bueiro. A lisergia foi golpeada de morte com o movimento punk. O faça-você-mesmo incendiou a cidade, formando sua primeira identidade cultural própria. Filhos de viajados professores da UnB (a tal Turma da Colina) e rebeldes sem causa da classe-média adotaram o punk como forma de expressão em dias de ditadura. Em janeiro de 1980 — dez anos antes de Lucas, o roqueiro-mirim nascer —, o Aborto Elétrico fez seu primeiro show, no Gilberto Salomão. Na banda, Renato Russo (1960-1996), futuro líder da Legião Urbana, que se inspirou na cidade em canções como Tédio (Com um "T" Bem Grande pra Você) e Eduardo e Mônica. Renato vendeu mais de 12 milhões de discos e atuou como centroavante na geração de Plebe Rude, Capital Inicial, Finis Africæ e Detrito Federal. O segundo boom roqueiro viria no início dos anos 90, com bandas nascendo em festivais como a Feira de Música, e ganhando projeção fonográfica graças ao Plano Real. A cria mais popular da nova fase, os Raimundos, vendeu mais de um milhão de CDs pelo Brasil e influenciou Lucas que quer fazer tanto sucesso quanto a turma de Rodolfo, Digão, Fred e Canisso. Menos politizada que a turma anterior, a geração 90 tinha nomes como Little Quail, Maskavo Roots, Oz e Low Dream, abarcando as diversas vertentes do rock'n'roll. O tédio brasiliense, que tanto incomodava Renato Russo, parecia condenado à morte.